

## O OUTRO USO DOS PRAZERES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE PÁGINAS BDSM NO INSTAGRAM

*Eixo Temático ET 03 – As Novas Tecnologias do Poder no Combate às  
Dissidências: se fere nossa existência seremos resistência!*

Fernanda Machado Alves Bonfim<sup>1</sup>  
Wedencley Alves Santana<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo empreender uma análise discursiva das estratégias comunicacionais da comunidade BDSM - acrônimo para Bondage, Disciplina/Dominação, Submissão/Sadismo e Masoquismo; termo guarda-chuva para nomear uma série de práticas sexuais fetichistas e seus adeptos - em redes sociais. Para isso partimos de autores da Análise de Discurso em diálogo com pesquisadores em Teorias da Comunicação, História, Teorias Sociais e Psicanálise. Serão analisadas páginas BDSM publicadas na rede social e plataforma Instagram, com suas estratégias discursivas, possíveis porta-vozes, formações imaginárias, autoria e efeito leitor, considerando sempre a heterogeneidade dos gestos de interpretação sobre corpo, sexualidade e mesmo saúde.

**Palavras-chave:** Comunicação; BDSM; Discurso;

### INTRODUÇÃO

Para além do comportamento erótico-sexual dissidente marginalizado, a subcultura conhecida pelo acrônimo BDSM – Bondage, Disciplina/Dominação, Submissão/Sadismo e Masoquismo - desenvolveu-se a partir de discursos caracterizados por estética, linguagem e códigos próprios que, potencializados pela popularização da internet, a partir da década de

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, [fernanda.bonfim@estudante.ufjf.br](mailto:fernanda.bonfim@estudante.ufjf.br);

<sup>2</sup> Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [wedencley@gmail.com](mailto:wedencley@gmail.com);

90, e a facilitação do compartilhamento de informações e conteúdo, tem ganhado visibilidade em uma sociedade que, no que tange à sexualidade, ainda é bastante normativa.

O presente estudo vem tentar suprir uma lacuna, dado que, mesmo com aumento, nas últimas décadas, do número de estudos, pesquisas e produções teóricas acerca de grupos dissidentes sexuais, como a população LGBT+, foram poucas as produções acadêmicas nacionais sobre a comunidade BDSM e fetichista. Ou mais especificamente: ainda que nas Ciências Sociais tenham sido abordados os comportamentos de seus adeptos em ambientes digitais, na área da Comunicação não há produção própria e específica.

Diante disso, o objetivo dessa pesquisa é empreender uma análise das estratégias comunicacionais da comunidade BDSM em redes sociais, a partir de pressupostos teóricos da Análise de Discurso, em diálogo com pesquisadores em Teorias da Comunicação, História, Teorias Sociais e Psicanálise.

O material a ser analisado serão páginas BDSM, disponíveis de modo público na rede social e plataforma Instagram, com suas estratégias discursivas, possíveis porta-vozes, formações imaginárias, autoria e efeito leitor, considerando sempre a heterogeneidade dos gestos de interpretação sobre corpo, sexualidade e mesmo saúde.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A partir de um ponto de vista analítico-discursivo sobre o objeto de estudo é possível compreender quais sentidos são construídos, reproduzidos e reafirmados acerca de sexualidade, sexo, prazer, dor e comportamentos não normativos. Esses sentidos produzem efeitos não somente sobre os membros das comunidades BDSM e fetichista mas também sobre todo indivíduo que constrói, a partir do convívio com outros, suas noções e compreensão de sexualidade e comportamento.

Desta forma, mostra-se fundamental a compreensão da Análise de Discurso para a identificação e categorização de discursos e efeitos. A partir do entendimento de atravessamento de sentidos, efeito leitor e formações imaginárias, a AD dispõe de uma base conceitual capaz de auxiliar nas respostas às perguntas desta pesquisa e a atingir os objetivos previstos.

Através da análise de textos e imagens veiculados, nas páginas tomadas como objeto de estudo, é possível identificar algumas terminologias e formações discursivas semelhantes. A partir da identificação dessas, é possível compreender quais efeitos atravessam e se

reproduzem, impactando as estruturas simbólicas de poder, prazer, dor, saúde, bem-estar e conhecimento.

Para objeto de estudo empírico foram tomadas cinco páginas na rede social e plataforma Instagram, sendo estas: Mistress Mahara<sup>3</sup>, Dommenique Luxor<sup>4</sup>, Dom Fernandes<sup>5</sup>, Dom Stavale<sup>6</sup> e Chicotadas Podcast<sup>7</sup>. O critério de seleção foram seus milhares de seguidores e a adoção de posições comunicativas e/ou educacionais acerca das comunidades BDSM e fetichista.

Porém, faz-se importante destacar possíveis problemas de pesquisa com a derrubada destas páginas, de maneira institucional, ou seja, por parte de iniciativa da própria plataforma Instagram, ou por denúncias dos demais usuários. Uma vez que os materiais analisados tratam de sexualidade, prazer e dor, há a possível compreensão, por partes dos usuários ou plataforma, de que o conteúdo é sensível e, portanto, não deveriam ser veiculados em tais espaços, afetando assim a permanência desses materiais na rede.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em janeiro de 2022, entrou em vigor a décima primeira versão da CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde) na qual sadomasoquismo e fetichismo deixam de ser considerados patologias. Mudança essa que influencia diretamente a comunidade BDSM (acrônimo para Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) e causa efeitos não somente médicos como também sociais, comportamentais, culturais e jurídicos.

O CID trata-se de uma ferramenta internacional, para o diagnóstico de morbidades e mortalidades, elaborada, desde 1948, pela autoridade sanitária de maior peso internacional, a Organização Mundial da Saúde. Seus efeitos sobre a comunidade não são irrelevantes, pois trata-se de uma forte instituição médica estabelecendo normas e normatizações sobre o que pode ser considerado são ou patológico no campo da sexualidade, o que conseqüentemente também constrói noções sociais de normalidade e anormalidade.

Por isso, apesar de seu enorme valor para a homogeneização dos pareceres médicos, o CID não é aceito sem críticas, ainda mais num mundo globalizado e de extrema complexidade

<sup>3</sup> <https://www.instagram.com/portaldoplay/>

<sup>4</sup> <https://www.instagram.com/dommeniqueluxor/>

<sup>5</sup> [https://www.instagram.com/senhor\\_fernandes/](https://www.instagram.com/senhor_fernandes/)

<sup>6</sup> <https://www.instagram.com/domstavale2021/>

<sup>7</sup> <https://www.instagram.com/chicotadaspodcast/>

sanitária. Algumas de suas classificações foram e são questionadas por certas comunidades por conta das consequências sociais e jurídicas de suas classificações. Dentre essas comunidades se encontram representantes de minorias sexuais como: homossexuais, transexuais, sadomasoquistas e fetichistas.

Até o presente momento, muitos foram os embates entre o conhecimento médico-científico e as comunidades BDSM e fetichista. Isso porque ao longo dos últimos quase dois séculos, a medicina, através da psiquiatria, tem determinado quais comportamentos sexuais podem ser considerados normais, naturais e saudáveis; *tomando* assim todo comportamento dissidente como patológico.

A medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais "incompletas"; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao "desenvolvimento" e às "perturbações" do instinto; empreendeu a gestão de todos eles. (FOUCAULT, 1977, p.41)

Dentre essas patologias, surgem os termos “perversão” e “parafilia” para tratar de comportamentos homossexuais, promíscuos, sadomasoquistas, fetichistas e outros. Porém, a história não se dá sem deslocamentos, e exemplo disso, é a última versão do CID, que considera as práticas fetichistas enquanto patologia apenas em caso de não consensualidade de terceiros, quando são causa de mal-estar para o próprio indivíduo ou quando representam risco de ferimentos graves ou morte.

Por mais que a relação da comunidade BDSM com o CID, ou a OMS, não seja o foco principal neste trabalho, se faz importante abordar a longa história de normatização da sexualidade no Ocidente, a partir de modelos biopolíticos de comportamento e gestão da sociedade. De Kraft-Ebing até os dias de hoje, boa parte das tendências normativas se dispersam entre saberes da saúde, poderes jurídicos e discursos morais, e esses se tornam pano de fundo para este estudo que se dá no campo da comunicação.

### **Corpo, discurso e...redes**

O BDSM é um acrônimo que significa, originalmente em inglês, Bondage, Discipline/Domination, Submission/Sadism and Masochism, e refere-se a algumas práticas, adeptos, acessórios, estéticas e comportamentos fetichistas. Sem definição ao certo de quando surgiu a sigla, sabe-se que essa tem se tornado mais conhecida à medida que há expansão do

acesso à internet, a partir da década de 90, e a facilitação do compartilhamento de informações e conteúdo.

Nas redes, o BDSM, pôde ganhar alguma visibilidade em que pese seu lugar ainda como cultura sexual “dissidente”. E esse lugar não é tão difícil de ser explicado, ou como diz Preciado: “Se é difícil para pessoas gays encontrarem emprego onde não precisem fingir, é duplamente ou triplamente mais difícil para indivíduos mais exoticamente sexuais. Os sadomasoquistas deixam suas roupas fetichistas em casa, e sabem que devem ser super cuidados na ocultação de suas verdadeiras identidades.” (RUBIN, 2008, p.30)

Através de vestimentas, hierarquias, linguagem, estética e conhecimentos próprios, o meio BDSM se desenvolveu como um estilo de vida e identidade a parte do chamado mundo “baunilha”. Termo esse utilizado para se referir a pessoas, comportamentos e relacionamentos que são de fora ou não condizem com a cultura BDSM. Trata-se de um estilo de vida que pode ser definido como: “Um conjunto de práticas, em alguma medida, integradas, rotinizadas, incorporadas nos modos, por exemplo, de vestir, comer, encontrar pessoas, e que dão forma material a uma narrativa reflexiva particular da autoidentidade do indivíduo que o adota”. (SILVA, 2018, p.3313)

Quando em condições “normais”, essa marginalização se dá não somente através dos conhecimentos e práticas, mas também nos espaços físicos da cidade onde conseguem manifestar, reproduzir e praticar suas identidades e cultura. Porém, com a quarentena implementada durante a pandemia de Covid-19, assim como as demais interações sociais, as da comunidade BDSM se viram restritas ao meio digital.

Por consequência, nas redes sociais encontram-se não somente as personalidades representantes do meio, mas também uma grande parte dos integrantes da comunidade BDSM. Através de nomes próprios para a interação com outros praticantes e sob categorias que determinam nível hierárquico, preferência por práticas e comportamentos, esses indivíduos não apenas se encontram em uma realidade paralela ao mundo “baunilha”, mas também constroem novas identidades.

Porém, assim como destaca Silva, é preciso ressaltar que apesar desses novos espaços apresentarem novas possibilidades, eles não foram e não são fundantes da comunidade BDSM. “O ciberespaço não produziu o BDSM, mas, sem dúvida, alargou os horizontes de seus adeptos, permitindo a comunicação e a troca de informações com praticantes do mundo inteiro e promovendo seu estilo de vida.”(SILVA, 2018, p.3316)

É importante lembrar também que a presença da comunidade BDSM nos meios digitais e online não se deu apenas a partir da pandemia. A própria comunidade brasileira

adepta da subcultura se encontra presente na internet há décadas através de sites, blogs, perfis e páginas em redes sociais mainstream, chegando até mesmo a desenvolverem redes sociais próprias para a interação exclusiva de praticantes do meio e fetichistas.

Nesses espaços próprios para o diálogo da comunidade, os discursos patologizantes e criminalizantes criados e reproduzidos pelas estruturas de biopoder perdem força e, assim como demonstra Silva em sua tese, são desenvolvidas noções e discursos próprios do meio sobre saúde, bem-estar, sexualidade, afetos, hierarquia, consentimento, prazer, dor, sexo, etc.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir de análises preliminares é possível identificar algumas semelhanças entre as posições dos enunciadores e nas formações discursivas textuais, o que suscita novas questões a serem respondidas em análises posteriores; não somente dos conteúdos produzidos e veiculados nas páginas tomadas como objeto de estudo mas também através de entrevistas a serem realizadas com os produtores de tais materiais.

É possível, por exemplo, perceber posições hierárquicas semelhantes entre esses produtores de conteúdo. Através de nomenclaturas, tais como Senhor, Senhora, Mistress, Dominatrix ou Dom, todos se identificam enquanto dominadores ou switchers, ou seja, posições, dentro da comunidade BDSM, possuidoras de poder e controle. O uso desses marcadores de hierarquias e nomes próprios para suas personas demonstram também que não são apenas curiosos ou pesquisadores do tema, mas praticantes e parte integrante das comunidades.

Cabe tentar identificar se estas posições possuem algum caráter legitimador para os discursos enunciados e para as identidades de comunicadores ou porta-vozes, ou seja, se a hierarquia confere autoridade na informação veiculada, ou quais outros sentidos podem explicar essa “coincidência”.

Também é possível identificar algumas informações classificadas enquanto “básicas”, tais como bases morais, a serem seguidas dentro da comunidade e nas práticas BDSM, posições hierárquicas, nomenclaturas de fetiches e noções de consentimento. Esses conteúdos são ensinados como sendo os “primeiros passos” para conhecer a comunidade e praticar de maneira segura e responsável.

Mostra-se facilmente identificável que muitas das terminologias utilizadas possuem origem na língua inglesa e na cultura estadunidense. O que suscita questões sobre

colonialismo/imperialismo, tanto pela forte adesão aos termos e falta de tradução dos mesmos, quanto por certo apagamento da memória discursiva fetichista nacional.

Por último, também é possível identificar estratégias comunicacionais para fugir das tecnologias de censura da plataforma. Através, por exemplo, da substituição de letras por números ou símbolos em meio a palavras, que podem ser entendidas pelo algoritmo como de cunho sexual, violento ou abusivo, os produtores de conteúdo encontram maneiras de dar continuidade à disseminação e divulgação de seus materiais. em um processo de metaforização a partir da materialidade linguística e numeral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção, mobilização e compartilhamento de informações e conhecimentos próprios da subcultura BDSM demonstram a subversão de conhecimentos institucionais no que há de normativos, como os saberes médico e jurídico, de forma que esta comunidade dissidente e marginalizada aponta para construção de novos sentidos para as dispositivos utilizados pelas instituições de poder.

Desta forma, ainda que o presente trabalho ainda esteja em sua fase inicial, os resultados obtidos com as primeiras análises abriram espaço para novas perguntas a serem respondidas. Desde questões envolvendo estruturas de poder, dentro e fora das comunidades BDSM e fetichista, até o uso de ferramentas comunicacionais para controle e disseminação de informação e conhecimento, são suscitadas noções acerca de biopoder, neoliberalismo, conhecimento e controle dos corpos.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade do saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. 1984. Disponível em: <  
[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin\\_pensando\\_o\\_sexo.pdf](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf)>.

Acesso em 26 jul. 2022.

SILVA, Vera Lucia Marques da. **Sexualidades dissidentes:** um olhar sobre narrativas identitárias e estilo de vida no ciberespaço. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 10, p. 3309-3318, 2018.

\_\_\_\_\_, Vera Lucia Marques da. **Sob a égide do chicote:** Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.